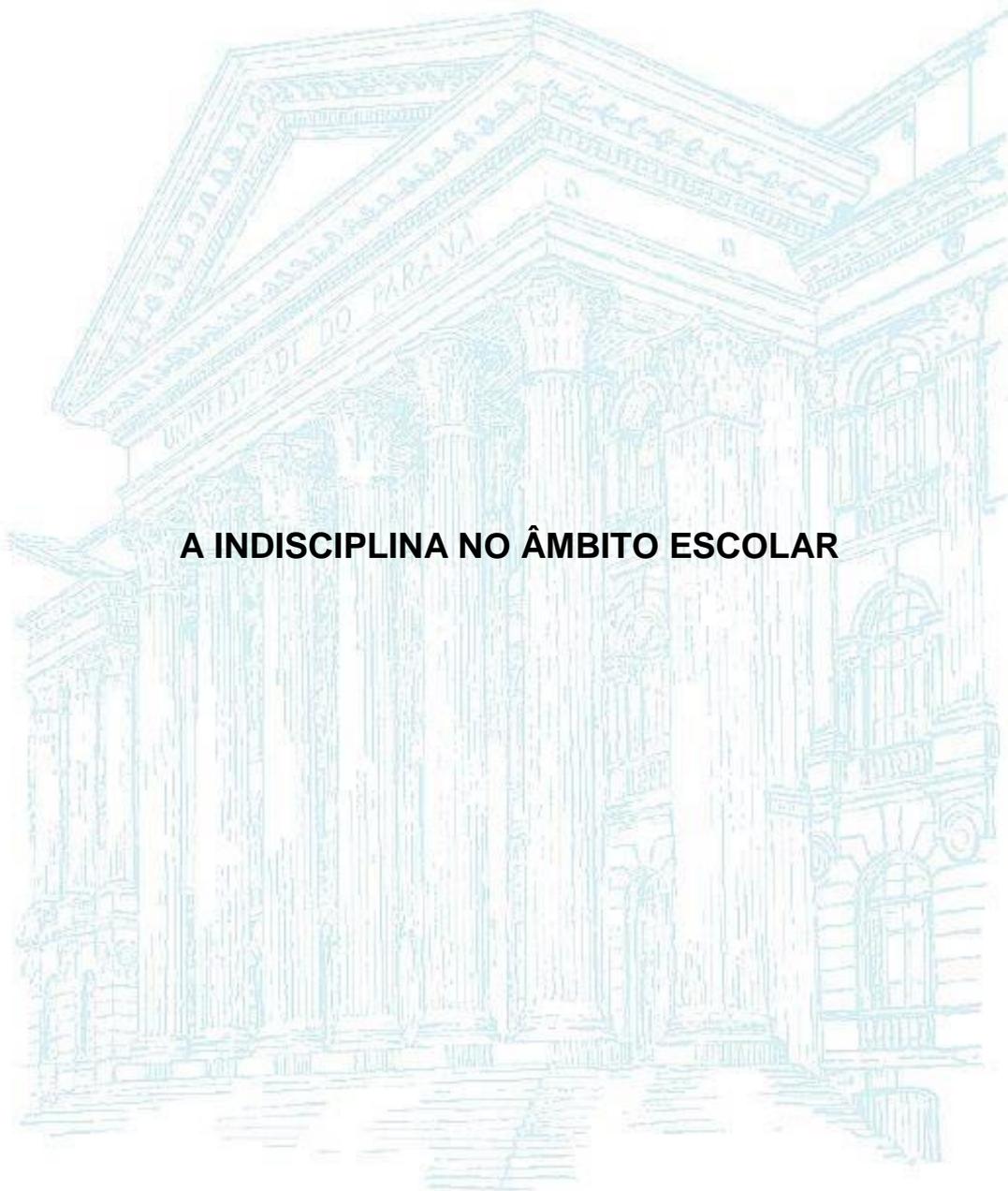


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

JOICE TOMEN

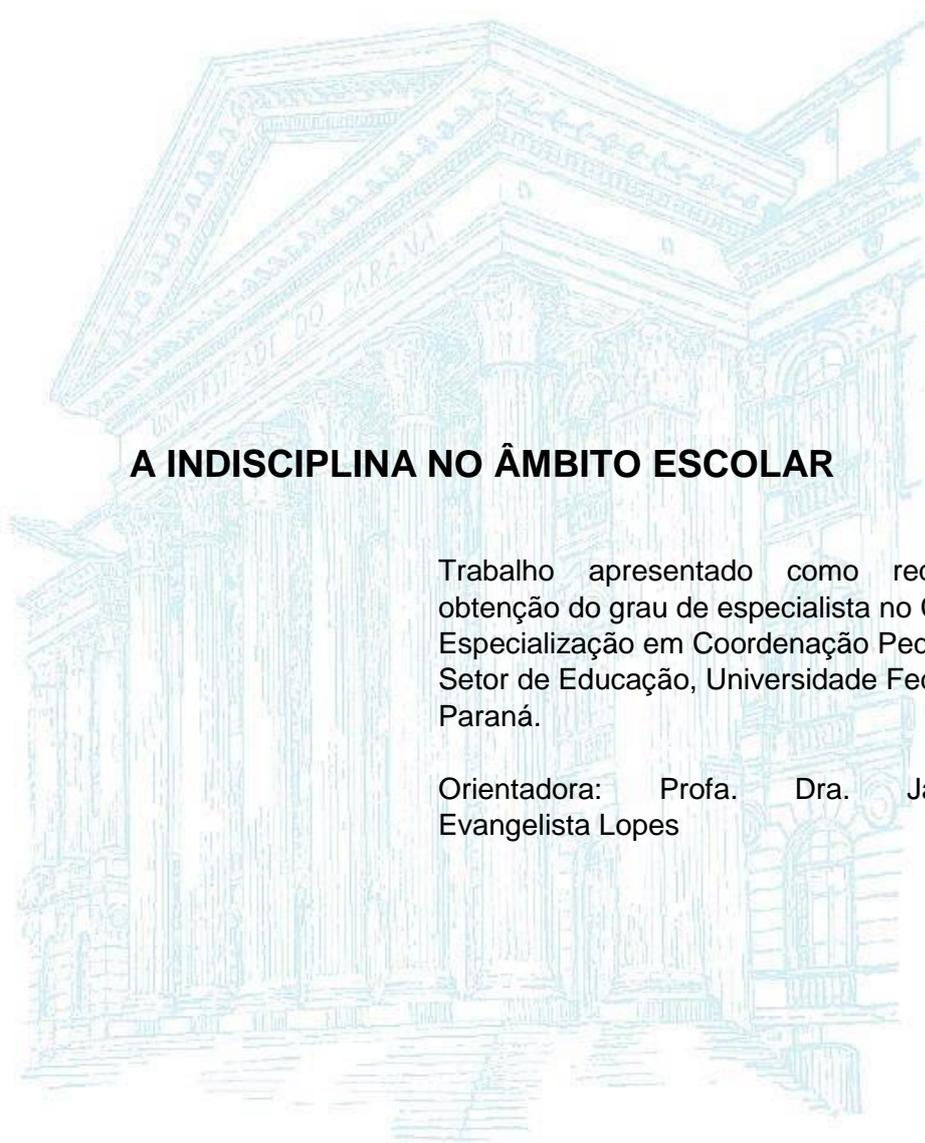


A INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR

**CURITIBA
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

JOICE TOMEN



A INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Jandicleide Evangelista Lopes

**CURITIBA
2016**

A INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR

TOMEN, Joice

RESUMO

Este estudo objetivou discorrer sobre a indisciplina no ambiente escolar. Sabe-se que atualmente um dos maiores desafios da educação repousa na falta de limites de muitos educandos, o que interfere no processo de aprendizagem, aliado ao desarmamento dos professores e gestores frente a essa situação. Considera-se que o aspecto comportamental traduz uma realidade social, sendo possível que as manifestações de indisciplina possam ser enfrentadas pedagogicamente e com êxito, dependendo da postura e visão dos educadores. Educar para a vida requer transformar as diferentes dimensões dos obstáculos educacionais em matéria prima da educação rumo a consecução da cidadania. Este estudo se justifica, assim, em compreender a indisciplina e os fatores que a motivam, bem como a atuação dos educadores neste contexto. A metodologia de pesquisa aplicada foi a revisão bibliográfica, analisando as contribuições de diferentes autores que discorrem sobre o tema em questão, tendo por base artigos científicos. Ao término, constatou-se que o problema existente em relação ao tema proposto, é que o mesmo a princípio é resultante do convívio familiar, no qual não lhes é informado a existência de normas de disciplina, assim sendo, acabam por estender a falta de limites que resulta em indisciplina para fora do âmbito familiar, ou seja, para a escola e conjuntamente o convívio social.

Palavras-chave: Indisciplina. Escola. Educação. Professor. Alunos.

1. INTRODUÇÃO

A indisciplina nas instituições escolares na atualidade está tomando cada vez mais espaço nos estudos referentes à detecção de suas possíveis causas.

Os problemas que envolvem a indisciplina podem ser considerados graves ou leves, dependendo do conceito que se tem de disciplina entre professores e gestores. Fato é que as diferentes manifestações de comportamento no ambiente escolar interferem no aprendizado de todos os alunos podendo causar a repetência e a evasão escolar.

Estudos demonstram que alguns dos problemas de disciplina apresentados pelos alunos se justificam em decorrência do núcleo familiar, onde a ausência de limites se reproduz na escola, fruto da educação experimentada no seio familiar. A este respeito, Aquino (1996), esclarece que muitos professores acreditam que o comportamento do aluno na escola é reflexo da experiência

advinda do ambiente familiar, onde a desestruturação, o desinteresse dos pais na vida escolar do filho além da desvalorização do espaço escolar contribui para a manifestação da indisciplina.

Assim, como em casa muitas crianças adotam determinadas atitudes sem a devida correção, acabam por entender que estes mesmos comportamentos são adequados para outros espaços, sendo a escola um deles. Entretanto, os ambientes escolares possuem determinadas regras impostas aos alunos, e quando estas não são cumpridas conforme a determinação, passa a ser entendida como indisciplina.

Com relação aos limites no ambiente escolar, Aquino (1996, p. 110), acredita que depende da forma como tal regra foi apresentada ao educando, “se imposta coercitivamente ou estabelecida com bases em princípios democráticos. Se imposta autoritariamente, o sujeito pode não se sentir obrigado a cumpri-la, e a indisciplina pode ser um protesto em relação à autoridade”.

Os professores não almejam alunos indisciplinados, que atrapalhem os momentos de aprendizagem ou tumultuem as relações interpessoais, culminando com agressões físicas e/ou verbais. Segundo Julio Gropa (1996, p. 31), este aluno considerado indisciplinado “aparece institucionalmente fora de foco”.

Considerando o exposto acima, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade do entendimento acerca das causas da indisciplina, considerando diferentes contextos sociais, bem como a atuação dos professores diante destas manifestações, no sentido de superação e transformação desta problemática em matéria de educação.

O problema de pesquisa a ser explorado é: Qual a definição e consequências da indisciplina? Temos como hipóteses motivação nos variados espaços sociais, sua relação com as regras estabelecidas pela escola, se pela postura de gestores e professores, a atuação destes profissionais frente aos conflitos que emergem além da postura dos adultos, sejam pais ou equipe pedagógica, para a reversão deste quadro em aprendizado.

O objetivo específico, assim, é o de analisar a indisciplina no ambiente escolar.

Os objetivos específicos pretendem conceituar disciplina e indisciplina; compreender suas causas e consequências; estabelecer relações entre as regras escolares e a forma como são apresentadas aos alunos; avaliar o papel dos gestores e educadores neste contexto, além de apontar diferentes formas de superação nestas situações.

A metodologia de pesquisa aplicada será a revisão bibliográfica, no intuito de confrontar os estudos e análises de diversos autores expostas em artigos científicos que discorrem sobre o tema, convergindo rumo à definição de parâmetros disciplinares e aqueles considerados problemas de disciplina. Para Gil (2010), esta forma de pesquisa se caracteriza por eliminar dúvidas, tendo por base a pesquisa em documentos.

Em suma, espera-se ao término deste estudo contribuir no sentido de apresentar algumas das possíveis causas da indisciplina no contexto escolar, ampliando os debates acerca do assunto e apontando medidas pedagógicas que venham a reverter as diversas manifestações de comportamento em efetivo aprendizado para a vida.

2-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando pesquisado no dicionário Aurélio, para disciplina encontramos o seguinte significado: “Regime de ordem imposta ou mesmo consentida que convém ao bom funcionamento de uma organização” (Aurélio, 1988, p. 177). E com relação à indisciplina também encontramos seu devido significado que é: “todo ato contrário à disciplina que leva à desordem, à desobediência, à rebelião” (Aurélio, 1988, p. 283).

Nestes termos a disciplina é entendida a partir do respeito que as pessoas têm pelos instrumentos normativos criados para regular as relações dentro das instituições sociais. Já a indisciplina está relacionada com o não cumprimento das leis, normas e regras estabelecidas na sociedade, ou o não consentimento da ação delimitada para grupos organizados para determinados fins, como a

escola, a qual se configura pelo desrespeito às regras estabelecidas. Os distúrbios disciplinares, segundo Araujo (1996), são um dos grandes problemas pedagógicos e morais da atualidade, como também a violência, em que ambos comprometem o desenvolvimento de uma educação de qualidade. Portanto, se faz necessário a busca urgente de entendimento e saídas para seu enfrentamento, sendo um dos desafios da escola compreender como as relações entre professores e alunos se tornam comprometidas em razão da indisciplina. De acordo com os estudos de Vasconcelos (1998) um dos primeiros passos necessários para o estabelecimento de relações saudáveis entre professor e alunos deve ser a aceitação. Isto significa que cabe aos professores realmente conhecer o seu aluno e aceitá-lo dentro dos seus limites e possibilidades, respeitando-o enquanto pessoa, para a partir daí promover a interação entre ele e seu aluno, bem como dos educandos entre si. A aceitação é capaz de estabelecer laços afetivos, de confiança e respeito mútuo.

O professor tem que aceitar o aluno que tem. Primeiro aceitar, depois tentar mudar. O aluno deve sentir-se aceito para estabelecer relações, caso contrário se fecha e não há forma de interação. A verdadeira relação educativa não se faz sem um vínculo de confiança recíproca: o educando confiando na competência do professor e o professor confiando na capacidade de aprender do educando. (VASCONCELOS, 1998, p. 69).

Ao conhecer e respeitar seu aluno, torna-se possível o estabelecimento de regras e limites que, em razão da confiança que este educador conquistou dos alunos, são passíveis de serem entendidas e respeitadas. No que tange à apresentação das regras, conforme já citado, é fundamental que estas não sejam impostas, mas sim discutidas com o grupo, sendo flexíveis de acordo com o compromisso firmado entre estes.

[...] as normas devem ser bem definidas, claras (o que, para que, quem, quando, como, qual a consequência, etc), colocadas por escrito; pode parecer burocracia, mas na verdade, ajuda a objetivar. O que se observa nas instituições é que, com frequência, o que burocratiza mais é justamente o que não está escrito, pois nem pode ser discutido. É preciso rever periodicamente as normas e alterar ou anular as que já não tem sentido (VASCONCELOS, 1998, p. 60).

Logo, através da compreensão que o aluno tem dos limites estabelecidos aliado à postura do professor, torna-se possível que o ambiente seja permeado

pelo respeito e alicerçado em bons níveis de convivência, ou seja, garantindo a disciplina.

[...] uma regra pode variar conforme a hora, o lugar e as pessoas envolvidas. [...] Disciplinar é um ato complementar, isto é, depende das características pessoais do disciplinador e do disciplinado. Portanto, diferentes professores conseguirão diferentes resultados com uma mesma classe. A recíproca é verdadeira: diferentes classes promoverão diferentes comportamentos num mesmo professor (TIBA, 1996, p. 150-151).

Portanto, pode-se afirmar que a disciplina depende primeiramente do ambiente escolar, traduzida por meio da qualidade das relações estabelecidas entre professores e alunos. Para Vasconcelos (1998, p. 57), no que concerne à escola como um todo, “é preciso mudar a relação educativa, mas isso não se alcançará sem mudar a instituição escolar [...]. Só uma revisão das estruturas institucionais permitiria uma mudança na relação pedagógica”.

Neste sentido, as regras da escola precisam primeiramente ser apresentadas enquanto instituição, para somente a partir dela, ingressar nas salas de aulas através da figura do professor. Desta forma, os estabelecimentos de ensino precisam garantir a boa convivência com um todo e entre seus pares, onde os limites sejam vivenciados e experimentados por todos, para que a criança possa ver e entender que naquele espaço vive-se uma realidade que, embora harmoniosa, mantém regras possíveis de serem cumpridas.

Esta visão da escola enquanto um espaço social construído através da disciplina poderá levar muitos alunos a confrontar esta realidade com aquela vivida em sua família. Assim, terão aqueles que poderão levar esta experiência para suas casas de forma benéfica, como também terão aqueles alunos motivados a manter a ausência de limites em suas casas, tumultuando o ambiente escolar.

Em se tratando da indisciplina escolar com relações na base familiar, Aquino (2003, p. 43) esclarece que o papel do professor é fundamental nesta dinâmica, pois cada vez mais é chamado a atuar nas questões de cunho privado, absorvendo as funções familiares negligenciadas pela família como uma questão inerente à docência. Quanto a isso, o autor salienta que muitos profissionais

acabam por acreditar que é necessário ensinar às crianças padrões de conduta e de infraestrutura moral, na ausência desta orientação dada pelos pais ou responsáveis.

Diante disso, o mesmo autor entende que

[...] a indisciplina seria indício de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desembocando nas relações escolares. De uma forma ou de outra, a gênese do fenômeno acaba sendo situada fora da relação concreta entre professor e aluno, ou melhor, nas suas sobre-determinações. (AQUINO, 1996, p. 48).

Como se percebe, Aquino (1996, p. 45) faz referência à questão do comportamento da criança aliado às bases psíquicas (1996, p. 45), justificando sua afirmação através das relações de autoridade estabelecidas entre professor e aluno. De acordo com o autor, para que a criança reconheça a autoridade externa (do professor) deve haver uma estrutura psicológica (moral) anterior ao ingresso nos espaços escolares. Esta estrutura seria caracterizada pela identificação e experimentação das regras comuns, de responsabilidades, cooperação, reciprocidade, solidariedade dentre outras, desenvolvidas no seio familiar. Assim,

[...] a educação, no sentido lato, não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão-somente um dos eixos que compõem o processo como um todo. Entretanto, algumas funções adicionais lhe vêm sendo delegadas no decorrer do tempo, funções estas que ultrapassam o âmbito pedagógico e que implicam o (re) estabelecimento de algumas atribuições familiares. (AQUINO, 1996, p. 45).

Diante desta afirmação, percebe-se que a indisciplina no ambiente escolar tem origem no núcleo familiar, seja pela desestrutura da família, pelos padrões de moral existentes, pela ausência de regras ou mesmo de transferência da sua responsabilidade pela educação inicial para a escola.

Os estabelecimentos de ensino, ao absorverem mais esta responsabilidade, além de todas aquelas de sua competência, acabam por entender determinados comportamentos, divergentes ao esperado, como

indisciplina, deixando inclusive de perceber que muitos deles podem ser trabalhados e transformados em aprendizado.

Para muitos educadores, as principais queixas consideradas como indisciplina se traduzem por meio de:

Conversas paralelas, dispersão; professor entra na sala e é como se não tivesse entrado; dá lição e a maioria não faz; quando vem professora substituta, é dia de fazer bagunça; alunos não trazem material; se negam a participar da aula; parece que nada interessa; saem no corredor na mudança do professor; fazem bagunça em sala quando não tem ninguém; irmãos entram no meio da aula para pedir material, lanche, dinheiro; riscam carteiras até estragar (com estilete); colocam tachinha na mesa do professor ou dos colegas; ficam comendo durante a aula; mascam chiclete; ficam de boné durante a aula; não vão de uniforme; pintam carteiras com liquido corretor, escrevem nas paredes; destroem trabalhos de alunos de outros períodos fixados nos murais, sentam de qualquer jeito na carteira; roubam material do colega; passam a perna no colega; entram sem pedir licença; querem ir toda hora no banheiro; respondem ironicamente; saem quando toca o sinal e o professor ainda está explicando, se levantam e falam com o outro (VASCONCELOS 1998, p.13).

3 APRESENTAÇÃO DE DADOS

Dentre os autores pesquisados que abordam os tipos de pesquisas existentes as autoras Lakatos & Marconi (2001) consideram que existem, basicamente, três tipos de pesquisa cujos objetivos são diferentes: exploratória, descritiva e experimental.

A pesquisa exploratória segundo Aaker, Kumar & Day (2004), costuma envolver uma abordagem qualitativa, tal como o uso de grupos de discussão; geralmente, caracteriza-se pela ausência de hipóteses, ou hipóteses pouco definidas. Segundo Mattar (2001), os métodos utilizados pela pesquisa exploratória são amplos e versáteis. Os métodos empregados compreendem: levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados e observação informal. Para Zikmund (2000), os estudos exploratórios, geralmente, são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias.

As pesquisas descritivas segundo Gil (1999), têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

A pesquisa explicativa segundo Gil (1999) tem como objetivo básico a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois tenta explicar a razão e as relações de causa e efeito dos fenômenos. Para Lakatos & Marconi (2001), este tipo de pesquisa visa estabelecer relações de causa-efeito por meio da manipulação direta das variáveis relativas ao objeto de estudo, buscando identificar as causas do fenômeno.

Partindo-se desta fundamentação a metodologia utilizada neste estudo, e que fundamentam os questionamentos levantados no decorrer desta pesquisa com relação a indisciplina escolar, encontra suporte em uma pesquisa bibliográfica, que visa dar o enriquecimento teórico adequado ao trabalho e identificar as que ocasionam a indisciplina dos alunos no ambiente escolar.

Após realizar um levantamento dos trabalhos acadêmicos já publicados sobre a indisciplina escolar há uma variedade de apontamentos e rumos para se tomar visto a necessidade de reflexões, planos de ação e outras formas de enfrentamento das questões relacionadas com a indisciplina escolar.

Dentre os documentos pesquisados segue abaixo a relação dos quais foram utilizados durante a pesquisa. Destes, há cinco artigos, dos quais a fundamentação teórica me serviu de guia para a minha pesquisa, porém dois deles partiram para o questionamento do encaminhamento metodológico dos professores e minha busca era relacionada a atuação e participação da família nestas atitudes dos alunos. Realizei pesquisa em um livro, o qual aborda em específico o papel da família na orientação quanto as normas de convivência e disciplina.

DESCRITORES	TÍTULO DO ARTIGO	RESUMO DO ARTIGO	AUTOR	ANO
indisciplina, cotidiano escolar, disciplina preventiva, educação.	A indisciplina no contexto escolar	Este artigo científico propõe um novo olhar reflexivo sobre a questão indisciplinar no cotidiano da escola atual, que tem sido vista como problema e desvio das normas disseminadas nos sistemas escolares, que inviabiliza a prática educacional. Relacionada à desordem, ao desrespeito referente a normas de conduta e à falta de limites, a indisciplina é geralmente centralizada no aluno e nas suas relações durante o cotidiano escolar. Inicialmente,		
		coloca-se em discussão o próprio conceito de indisciplina escolar, em face das mudanças ocorridas na sociedade, apresenta as suas principais causas e especificidades.		

<p>Indisciplina. Relações pedagógicas. Interações sociais.</p>	<p>As marcas da indisciplina na escola: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas</p>	<p>Este artigo analisa a indisciplina dos alunos voltando o olhar para as relações sociais institucionais enquanto constituídas e constituintes desse comportamento. O estudo é embasado na concepção histórico-cultural que considera o homem como produto das relações sociais vividas em seu meio sociocultural, em um processo que passa do plano inter para o intrassubjetivo. Nesse sentido, ao contrário de se compreender a indisciplina como um fenômeno inerente às condições próprias do aluno, tanto pessoais como familiares, ela é analisada do ponto de vista das relações humanas no âmbito das práticas pedagógicas. O objeto do trabalho definiu-se na análise do papel das relações pedagógicas na constituição de atitudes de indisciplina.</p>	<p>Sandra Mara Fulco Pirola</p>	<p>2009</p>
--	---	---	---	-------------

<p>indisciplina; cotidiano escolar; prevenção; soluções.</p>	<p>A indisciplindiano no escolar</p>	<p>Este artigo traz uma reflexão sobre a indisciplina no cotidiano da escola atual, que tem sido vista como problema, como desvio das normas disseminadas nos sistemas escolares, que inviabiliza a prática educacional. Associada à desordem, ao desrespeito a regras de conduta e à falta de limites, a indisciplina é, freqüentemente, centralizada no aluno, o que evidencia um modo individualizante de lidar com questões produtoras/produzidas do/no cotidiano escolar. Inicialmente, coloca-se em discussão o próprio conceito de indisciplina, explorando-se, a seguir, algumas das suas causas.</p>	<p>Claudevone Ferreira dos Santos* Marinildes Figueredo Nunes</p>	<p>2006</p>
--	--	---	---	-------------

Indisciplina, limites, família.	Limites sem trauma	O presente livro aborda a forma <i>como, quando e por que</i> dizer "não" aos filhos. E também <i>como, quando e porque</i> dizer "sim". Os recursos utilizados pela autora, apresentando o tema, por vezes, sob a forma de tópicos, além de capítulos divididos por faixas etárias, indicando as	Tania Zagury	2003
---------------------------------	--------------------	---	--------------	------

		necessidades das crianças em cada		
		etapa do desenvolvimento relacionadas às respectivas tarefas dos pais em relação aos limites.		

<p>Ensinoaprendi zagem. Indisciplina.</p>	<p>Indisciplina o escolar: “aluno insistente”</p>	<p>Trata-se de uma pesquisa em ação desenvolvida em uma escola estadual paranaense, objetivando identificar as causas do não comparecimento às aulas do aluno que regularmente vai à escola, denominado “aluno-insistente”. Constatou-se que a principal razão deles frequentarem a escola, é a oportunidade de lazer e descontração, junto aos amigos e, portanto, a apropriação do conhecimento, isto é, a questão cognitiva é lhes secundária. Cabe aos educadores trabalhar de forma a articular melhor o social ao cognitivo e não considerar o social como empecilho. A ideia aponta para a importância da qualidade do relacionamento professor-aluno, e mesmo aluno-aluno no decorrer das atividades pedagógicas, uma vez que a</p>	<p>Maria Lúcia Sapateiro Maria Lídia Sica Szymanski Dianete Maria Ragazzan Hoffmann</p>	<p>2008</p>
---	---	---	---	-------------

		educação não se constitui em um acontecimento		
--	--	---	--	--

		isolado. Ela se solidifica no trabalho coletivo, comprometido e contínuo.		
--	--	---	--	--

Indisciplina, escola.	INDISCIPLINA ESCOLAR: uma perspectiva crítica	Este artigo se propõe a apresentar algumas reflexões relacionadas a indisciplina, realizadas a partir das experiências de estágio. É apresentado o conceito de indisciplina a partir de uma compreensão crítica e, logo após, são abordadas algumas perspectivas dos diferentes sujeitos que transitam pelo cotidiano da escola. São propostas algumas reflexões sobre a ação pedagógica que emergem da temática.	Adriana Fernandes Coimbra Marigo	2007
-----------------------	---	---	----------------------------------	------

Estudos mostram que alguns dos problemas os alunos trazem consigo e são referentes ao âmbito familiar, assim como os autores Zagury e Araújo, declaram em suas pesquisas que os pais não impõem limites e com isso os filhos pensam que podem fazer tudo o que quiserem e puderem. Com esta forma de educar os pais pensam que ao permitir tudo, aceitar tudo é uma forma de compensação devido ao pouco tempo que têm para ficar com eles.

O primeiro ponto a ser analisado é o papel da família visto que é na mesma que o indivíduo inicia sua vida social e tem seu contato com regras e normas, juntamente com a família o indivíduo passa a fazer parte de uma sociedade na qual terá um envolvimento social e necessitará destas regras e normas para seu convívio.

O relacionamento entre pais e filhos ganhou mais autenticidade e menos autoritarismo, e segundo Tânia Zagury: “O poder absoluto dos pais sobre os filhos foi substituído por uma relação mais democrática. E o entendimento cresceu... Todos ficaram felizes...”, (2003, p. 14).

Quando os pais trabalham adequadamente, no decorrer da sua vida a criança terá aprendido as regras básicas de convivência e iniciado seu processo de socialização, porém se os pais por sentimento de culpa ou medo não elaboram um trabalho adequado a criança pode apresentar dificuldades em aceitar qualquer tipo de limite a seus desejos.

A criança adota formas de comunicação e controle do mundo e das pessoas e na escola também usa desses artifícios, e para educar envolve um novo desafio a cada dia, e alguns pais são muito imediatistas em relação à educação dos filhos, o que não pode ser assim, pois se deve aprovar ou reprovar no momento certo e ao que é necessário. Segundo Zagury “A regra, portanto, é simples-premiar e recompensar as atitudes positivas e ignorar ou reprovar as negativas”. (2003, p. 40).

É importante os pais disponibilizarem um tempo para conversar com os filhos, não para impor seus pontos de vista, mas para que ouçam o que os filhos têm a dizer, pois sempre eles têm algo para contar, pedir opinião, então ouça em silêncio e com atenção mesmo que por vezes se sinta entediado, pois às vezes os filhos também se sentem assim em relação aos pais, lembre-se se trata apenas de uma conversa e não dê lições de moral. Segundo Zagury: “Se não criamos este hábito saudabilíssimo de sabermos ouvir os filhos ou deixarmos para depois, o momento do diálogo provavelmente não ocorrerá nunca”. (2003, p. 135).

É normal os pais devido ao pouco tempo que dispõem para os filhos, não perceberem quando eles fazem algo que merece um elogio, mas para repreender

por algo negativo são rápidos e com isso muitas vezes as crianças ficam sem saber como agir, nem quando estão certos ou errados. Pode parecer que é algo despercebido, mas as crianças gostam de receber um elogio pelo que foi correto, mas se o regalo for algum bem material claro que também gostam, mas normalmente não dão valor e ao mesmo tempo poderão se sentir comprado e até mesmo se transformar em pessoas consumistas. Como diz a autora “enquanto não transformamos nossos filhos em consumistas enlouquecidos, a palavra, o olhar do papai e da mamãe ainda são os melhores prêmios” (2003, p. 60).

Com relação à existência do vínculo entre disciplina em sala de aula e moral, ela ocorre porque as duas colocam o problema da relação do indivíduo com um conjunto de normas, sendo que atos de indisciplina ocorrem com desrespeito, seja do colega, do professor ou com a própria instituição escolar, mas o desrespeito aos discentes é o mais preocupante, e em relação a este fato Aquino diz: “Muitos têm medo de entrar em sala de aula, não apenas por temerem não ter êxito na tarefa de ensinar, mas, sobretudo por não saberem se receberão tratamento digno por parte de seus alunos”. (1996, p. 20).

Ao ser inserido na escola, se o indivíduo que agora passará a ser chamado de aluno realizar condutas que destoam daquilo que é esperado pelo (a) professor (a), certamente será caracterizado como um aluno indisciplinado. Essa forma de conceber a indisciplina a situa como fenômeno produzido nas relações sociais escolares, sustentando a ideia de que tais atitudes variam em diferentes grupos culturais conforme os significados que cada grupo lhes atribui.

A indisciplina passa a ser um mecanismo seletivo.

É possível pensar em transformações na escola e, como bem referiu Pereira (2003), em diferentes épocas os problemas com indisciplina continuam existindo; apenas a forma de castigo mudou. Se esse problema fosse meramente do aluno, a indisciplina seria um fenômeno apenas dos tempos atuais. Mas ela é antiga na nossa história: só a dificuldade para lidar com ela é um problema do presente.

Antunes (2002a, p. 25) salienta que “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina quem não constrói democraticamente as linhas do

que é e do que não é nítido”. Os encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola têm se mostrado efetivos, de acordo com a literatura especializada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar sua vida escolar os indivíduos que dela farão parte vêm de uma vida social na qual há regras para que ele conviva e se relacione com os demais membros, tais como convivência, cooperação, diálogo. A escola, como um dos locais desta sociedade no qual o indivíduo, que nela será chamado de aluno, se relacionará com outros também necessita de regras e normas para seu funcionamento e convívio entre todos que nela estarão presentes. Assim, as regras dentro desse ambiente também serão necessárias, para o bom convívio de todos e para a ordem e funcionamento da escola.

Com a pesquisa bibliográfica, observa-se quão complexo são os fatores da indisciplina escolar, visto que a indisciplina é uma ação comportamental do aluno, porém os fatores que a ocasionam podem ser de diferentes fatores. Socialmente as interações que os alunos têm se dão primeiramente na família, porém ao ir para a escola esta também tem sua parcela de responsabilidade na formação e desenvolvimento de seus alunos.

Assim, os problemas de indisciplina, assim como os inúmeros outros problemas educativos que são existentes dentro das escolas, devem ser analisados para se observar se sua origem é externamente e se refletem na escola ou se eles estão sendo frutos de dentro da própria escola, considerando que neste ambiente o aluno também executa sua ação de socialização.

A escola pode justificar esta indisciplina como sendo um problema de fora dela, mas diferentemente, pode ter uma ação reflexiva e juntamente com família e comunidade enfrentar esta situação de maneira articulada e conjunta contribuindo para a diminuição da cultura da violência e ausência de limites.

Se em suas práticas educativas a ação do educador for pautada nos ideais de democratização e cidadania, visando a superação das contradições historicamente estabelecidas, a escola pode ser espaço onde todos os alunos e

alunas que por ali passarem além de adquirirem o conhecimento específico possam buscar sentidos que lhes propiciem avanço de vida.

Podemos concluir que a indisciplina pode ser um ponto de partida para o educando refletir sobre suas ações e tenha um sentimento de pertencimento em seu ambiente, que não se limita ao seu ambiente social, podendo ser sua casa ou ao seu bairro ou região, mas se amplia para a escola e além da escola, permitindo que esse educando, ao usar a energia da indisciplina que não aceita a mesmice, o conformismo, os parâmetros que engessam o aprendizado, tornese um cidadão crítico, humanitário, autor de sua própria história e, acima de tudo, um cidadão planetário (Gadotti, 1998, in Claudio Marcio dos Santos) que, respeitando as diversidades, luta pela igualdade social, pela inclusão das diferenças e pela prática de sustentabilidade social e ambiental, pois o meio ambiente não é constituído apenas por animais, plantas e minerais, mas também por seres humanos que devem aprender a aprender sempre, disciplinando-se, teimando e desconstruindo quaisquer formas de engessamento dos saberes.

Araújo exemplifica os objetivos da educação como:

Se um dos objetivos da educação é o de auxiliar o sujeito a construir uma autonomia do pensamento que 'obrigue a sua consciência' a respeitar as regras do grupo depois de raciocinar com base em princípios de reciprocidade se aquela regra é justa ou não, isto deverá ser alcançado por meio de relações que não envolvam a coação e o respeito unilateral; caso contrário poderá se obter um comportamento desejado pelo adulto, mas ao preço de reforçar a heteronomia e não um juízo autônomo (1996, p.114).

Havendo uma transformação nas relações estabelecidas entre escolas, famílias e sociedade poderão fazer com que o problema da indisciplina seja trabalhado sob uma perspectiva diferente, chegando-se ao objetivo de não somente impor regras e limites ao indivíduos mas que eles compreendam as ideias de igualdade, justiça, respeito e limites possibilitando que os mesmos se relacionem entre si tendo como base esses princípios.

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C . Professor bonzinho= aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula . Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARAÚJO, Ulisses de Araújo. Moralidade e Indisciplina: uma leitura a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. **INDISCIPLINA NA ESCOLA:** Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

FERREIRA, A. B. DE HOLANDA. **MINI DICIONÁRIO AURÉLIO.** 2º Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ZAGURY, T. **LIMITES SEM TRAUMAS.** 57º. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Acesso em 15/Jun/2016
https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-eindia

Acesso em 15/Jun/2016
https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_Prof_Maxwell.pdf
pdf Acesso em 15/Jun/2016

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2180-8.pdf>